

É muito sacrifício, diz Campos

"Nunca tanto sacrifício foi exigido em 400 anos de história do Capitalismo. Ninguém é capaz de saber quais serão as consequências do arrocho salarial que está sendo imposto pelo governo aos assalariados. Se o Decreto-lei 2.045, que reduz os reajustes salariais a 80 por cento do INPC, for aprovado pelo Congresso Nacional, a partir do décimo-primeiro mês de vigência o salário mínimo será equivalente a 14 mil cruzeiros hoje".

O raciocínio é do professor Lauro Campos, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, para quem o governo e o Fundo Monetário Internacional estão pretendendo é transformar o sistema financeiro numa "ilha de tranquilidade", agitando ao máximo o "mar de convulsão" do assalariado.

"É uma medida explosiva e ineficaz", afirma, "porque o custo social fantástico desse arrocho não impedirá que o sistema financeiro entre em colapso. Toda crise econômica passa necessariamente pelo sistema financeiro, a exemplo da de 1929, que começou direto na Bolsa".

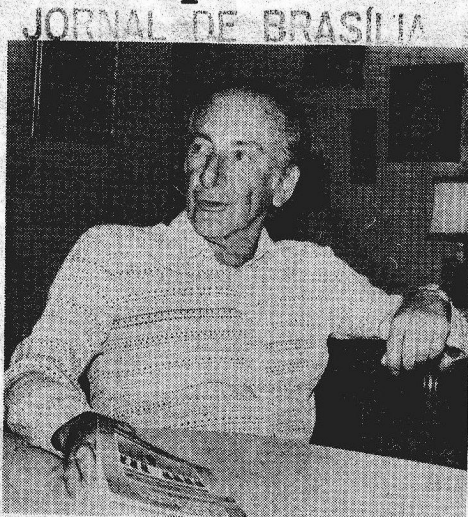
Insuportável

Campos observa que o próprio governo sabe que esse arrocho é socialmente insuportável, e a maior prova disso é que o último "pacote" foi anunciado pelo Conselho de Segurança Nacional. "Foi declarado o estado de guerra. 'Estamos à beira de uma convulsão social, porque se daqui a um ano o salário mínimo for equivalente a 14 mil cruzeiros hoje teremos no mínimo 40 milhões de crianças carentes, além de todo sacrifício imaginável. O povo brasileiro terá que sofrer uma marcação homem a homem, e é isso que o governo começa a fazer agora, com as medidas econômicas sendo anunciadas pelo Conselho de Segurança Nacional'".

Segundo Campos, o que o governo pretende é criar um excedente interno, retirado dos salários, para pagar a dívida. Isso, no entanto, esbarra em duas grandes dificuldades: a primeira, é que o arrocho é socialmente insuportável, e a segunda é que não há para quem exportar esse excedente. "Nossa dívida tem que ser paga em dólares", e para isso é necessário exportar nosso excedente, o que não será possível".

Moratória

Para o economista, a moratória certamente virá, mas não como solução. "A



Lauro Campos prevê convulsão social

moratória será uma decorrência, e virá automaticamente sem que ao menos seja pedida", garante, "porque será a única possibilidade de continuarmos a viver". Segundo Campos, a moratória representa a necessidade de se impor um limite ao pagamento da dívida, utilizando-se os recursos disponíveis para importar o que o país necessita.

"Por isso, é um erro dizer-se que com a moratória não poderemos importar petróleo. O que vai acontecer é exatamente o contrário: os países exportadores nos venderão petróleo, porque saberão que utilizaremos para pagá-lo o dinheiro que antes utilizávamos para amortizar a dívida externa".

Lauro Campos não acredita na recuperação da economia mundial, o que faz com que ele veja com ceticismo o problema da crise brasileira.

"O Brasil só se reerguerá como parte de uma totalidade". E não tem forças para reerguer consigo todo o resto do sistema. Por isso, creio que a solução só poderá ser encontrada num novo sistema, numa nova teoria econômica, em nova estrutura, dentro de novas relações internacionais, nova maneira de ver e pensar a economia". Segundo o professor da UnB, "somos prisioneiros dos padrões antigos, e nem mesmo os economistas estão sendo capazes de entender a crise".